

RESENHA: FORMAÇÃO DE LEITORES: LITERATURA E PRAZER

Fernanda Maria Macahiba Massagardi¹

Recebido em: 02 fev. 2015

Aceito em: 10 jun. 2015

BRENMAN, Ilan. **Através da vidraça da escola**: formando novos leitores. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. 166 páginas.

Nesta obra, Brenman estabelece a relação entre a formação do gosto no leitor e a importância do momento de ouvir histórias. O livro é composto por seis capítulos de bases teórico-práticas.

Argumenta, fundamentado em experiências com alunos e nos textos de Barthes, acerca do prazer em ler e sobre importância da leitura em voz alta nos dias atuais.

Analisando o cotidiano escolar e a realidade vivida fora da sala de aula, o autor consegue vislumbrar um panorama interessante da inserção da literatura num contexto educacional e propõe intervenções que atenuam problemáticas apontadas pelos professores; entre elas: como direcionar a literatura de acordo com a faixa etária das crianças? Como despertar o gosto pela literatura numa época em que a mídia e as inovações tecnológicas exercem forte atração sobre os pequenos? Como estimular o gosto pela leitura em alunos que afirmam não gostar de ler? Ler em voz alta ou contar histórias?

O desejo e o prazer, segundo ele, devem ser considerados imprescindíveis no processo de desenvolvimento do gosto pela leitura e o espaço da literatura precisa ser conquistado nas escolas através da ludicidade e da diversidade dos textos.

Percorre, no primeiro capítulo, a história da leitura no ocidente, iniciando sua proposta com o fenômeno da narrativa oral, referência de muitos escritos e repositório da cultura de um povo durante um longo

1 Fernanda Maria Macahiba Massagardi. Doutora pela Faculdade de Educação, UNICAMP.

período do processo civilizatório. Afirma a importância dos mitos gregos como narrativas que surgiram para explicar o inexplicável, para responder a certas perguntas: O que é a vida? O que é a morte? De onde viemos? O que é o universo? O que é o tempo? (p. 21). Ambienta algumas crenças e misticismos que são intrínsecos à literatura em países diversos, contribuindo com o aprimoramento da cultura geral através de uma linha do tempo que desperta curiosidade para futuras pesquisas. Estabelece uma discussão acerca da oralidade e escrita, partindo do surgimento do alfabeto, perpassando a leitura em voz alta e leitura silenciosa.

Discute amplamente, a partir de concepções teóricas e de autores, no segundo capítulo, o conceito de leitura e sua relação com os diferentes campos de conhecimento. Defende de maneira incondicional o método da aquisição da habilidade da leitura através da fruição e prazer, salientando a importância do incentivo dos pais – que também devem ser leitores – para a formação desse gosto nas crianças, mesmo aquelas que ainda não são alfabetizadas.

A reflexão sobre o processo dinâmico e a influência do contexto histórico e social é amplamente discutido no capítulo terceiro, que evoca a presença, a função e a necessidade da literatura na sociedade. Complementando as idéias sugeridas, o autor utiliza os escritos de Cândido (1995), Machado (2001) e Pennac (1995). Reafirma a importância do prazer no processo de leitura e cita o poder humanizador da leitura. Segundo o autor o que defendemos e vivenciamos na prática é a sensação de ser a literatura uma expressão artística humana do mais alto valor cultural e social, já que sua matéria prima é a palavra (os pensamentos, as idéias, a imaginação), características estas que definem o humano e o distinguem do animal. (p. 83). Brenman, ao final desse capítulo, chama a atenção para o cuidado que devemos ter para não cair num salvacionismo ingênuo de acreditar que a literatura, sozinha, pode transformar a sociedade brasileira, que sofre de problemas diversos. Isso seria supervalorizá-la, e isso talvez aconteça, segundo o autor, porque durante séculos ela foi utilizada mais como produto de dominação do que emancipação. Defende a literatura como veículo de formação de um olhar crítico e fundamental, mas não agente único de modificação da sociedade. E também como repositório de fantasia e imaginação. Termina o capítulo ressaltando a importância da escola e do professor como mediadores desse processo.

Inicia o capítulo quarto com a seguinte questão: Ler em voz alta ou contar histórias? Desenvolve argumentos acerca da importância das duas práticas e descreve experiências que teve com alunos e professores em atividades de contação de histórias. Faz uma breve, mas relevante pesquisa, com alunos e sua relação com a leitura, descobrindo que muitos acham chato ler, que o fazem por obrigação e aponta um triste quadro: atividades literárias utilizadas como meios de avaliação e de medição de habilidades dos alunos, sem a preocupação com a ludicidade, o prazer e a fantasia, que poderiam ser explorados nesse processo de formação de leitor.

Propõe a leitura em voz alta no capítulo quinto, abrindo a discussão com a fala de José Morais: o primeiro passo para a leitura é a audição de livros. A audição da leitura feita por outros tem uma tripla função: cognitiva, linguística e afetiva. Aponta um dos questionamentos que os professores habitualmente fazem: o vocabulário dos livros muitas vezes não é incompreensível para a criança? Argumenta a importância da inserção de ‘palavras difíceis’, para que o infante amplie seu vocabulário. É preciso estimular o aluno, que pode apreender o sentido da palavra difícil num contexto ou pode pesquisar o significado daquela palavra. Defende a ideia de que a leitura em voz alta propicia um maior contato com a nossa linguagem formal, diferentemente do que acontece com narrativas que são contadas oralmente e não lidas diretamente dos livros. Ressalta a importância do ato de escutar, que é praticado em momentos de atividades de leitura.

No capítulo seis conclui que é necessário uma pedagogia brincante, desvinculada das avaliações e que um mesmo tipo de literatura pode ser importante em diversas fases da vida para a formação de um leitor crítico, criativo e pensante. Ressalta a importância dos professores e contadores de histórias serem leitores ávidos, renovando seu repertório constantemente. Finaliza o livro com uma consideração intitulada “Eros uma vez”, fazendo um feliz trocadilho com o tradicional ‘Era uma vez’, reafirmando a importância da presença do amor e prazer no ato de ler, fazendo alusão à teoria psicanalítica de Freud.

Indicado para todas as pessoas que tenham interesse por literatura, esse livro propõe reflexões significativas a partir de exemplos práticos fundamentados em uma teoria que argumenta de maneira intensa a questão da formação do leitor através do gosto e prazer e não da obrigação. Vale lembrar que Ilan Brenman tem formação em psicologia,

é escritor de literatura infantil e desenvolve projetos como contador de histórias em parceria com diversas instituições. Circula por diversos espaços culturais e educativos. É mestre e doutor pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.